



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO 2

A AUTOCONSAGRAÇÃO (I)

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

Todo Ioga é, em sua natureza, um novo nascimento; é sair da vida humana normal e nascer para uma consciência espiritual mais alta, para um ser mais vasto e mais divino. Nenhum Ioga pode ser intentado nem seguido com sucesso sem um despertar poderoso para a necessidade de uma existência espiritual mais ampla.

A aceitação de uma nova ideia-força espiritual e uma orientação do ser para o alto, uma iluminação, uma virada ou uma conversão captada pela vontade e aspiração do coração – esse é o ato decisivo que contém (assim como na semente) todos os resultados que o Ioga deve dar.

A mera busca intelectual de algo superior além, qualquer que seja a intensidade do interesse mental, é ineficaz. Pois a verdade do Espírito não é para ser pensada, mas vivida, e vivê-la exige uma determinação unânime de todo o ser; uma mudança tão grande como aquela contemplada pelo Ioga não pode ser efetuada por uma vontade dividida nem por uma pequena fração de nossa energia ou por uma mente hesitante.

Aquele que busca o Divino deve consagrar-se a Deus, e a Deus somente. Nenhuma fraqueza em nossa natureza, pode, por muito tempo ser um obstáculo. Pode até mesmo haver um retorno à vida inferior – o que é chamado, na linguagem comum do Ioga, uma

queda, e que nos desvia do caminho. Esse deslize acontece porque há um defeito no próprio centro: o intelecto interessou-se, o coração foi atraído, a vontade aderiu ao esforço, mas a natureza inteira não se fez cativa do Divino.

Porém se desejarmos aproveitar ao máximo a oportunidade que essa vida nos dá, se quisermos responder de modo adequado ao chamado que recebemos e não apenas avançar um pouco em sua direção, um dom de si completo é essencial. O segredo do sucesso no Ioga é considerá-lo não como um dos objetivos a perseguir na vida, mas como o único objetivo, não como uma parte importante da vida, mas como o todo da vida.

E visto que o Ioga em sua essência, consiste em abandonar a vida comum material e animal – assim como a vive a maioria dos seres humanos, ou a maneira de viver mais mental, mas ainda limitada e voltar-se para uma vida espiritual mais vasta, para a via divina, cada parcela de nossas energias que dermos à existência inferior, estará em contradição com o nosso objetivo e nossa dedicação.

Por outro lado, cada energia, cada atividade que pudermos dissuadir dessa aliança com as coisas inferiores e dedicar ao serviço das superiores será um ganho enorme em nosso caminho, será o tanto que tomaremos dos poderes que se opõem ao nosso progresso.

A dificuldade dessa conversão massiva é a causa de todos os tropeços no caminho do Ioga. Pois nossa natureza inteira e seu ambiente, nosso ser pessoal e nosso ser universal estão cheios de hábitos e de influências que se opõem a nosso renascer espiritual e nos impedem de darmos-nos sem reserva ao nosso empenho.

Em certo sentido, não somos nada mais que uma massa complexa de hábitos mentais, nervosos e físicos, unidos por algumas ideias dominantes, desejos e associações. Aquilo que propomos em nosso Ioga é nada menos que romper a formação inteira que constitui o ser humano comum mental e material, e criar em nós um novo centro de visão e um novo universo de atividades, que constituirão uma humanidade divina ou uma natureza supra-humana.

A primeira necessidade é dissolver essa fé e essa visão centradas na mente, que a fixam em seu interesse pela velha ordem exterior. É imperativo mudar essa orientação de superfície em uma fé e visão mais profundas, que vejam apenas o Divino e busquem apenas o Divino.

A necessidade seguinte é compelir todo o nosso ser inferior a reverenciar essa fé nova e essa visão maior. Toda nossa natureza deve fazer uma entrega integral; oferecer-se em cada uma de suas partes e em cada um de seus movimentos. Nosso ser inteiro – alma, mente, sentidos, coração, vontade, vida, corpo – deve consagrar todas as suas energias tão inteiramente e de tal modo, que se tornem um veículo perfeito do Divino.

Cada fibra vital deve ser persuadida a aceitar uma renúncia completa a tudo aquilo que representava para ela, até o presente, sua existência própria. A mente deve cessar de ser mente e tornar-se como algo brilhante com algo além dela. A vida deve mudar em algo vasto e calmo, intenso, poderoso, que não mais reconhece seu velho self cego, estreito, ávido, com seus pequenos impulsos e pequenos desejos.

Até mesmo o corpo deve submeter-se a uma mutação e deixar de ser o animal exigente ou o rústico retardador que é agora, mas, ao contrário, tornar-se um servidor consciente, um instrumento radioso, uma forma viva do Espírito.

A dificuldade da tarefa conduziu naturalmente à busca de soluções fáceis e radicais; gerou e fixou a tendência das religiões e das escolas de Ioga a separar a vida do mundo da vida interior. É fácil convencer-se de que essa vida sujeita à Maia [vida material] é incompatível com a concentração da alma na existência pura do Brahman [A Consciência pura]. O caminho mais fácil seria abandonar tudo que pertence a esse mundo e retirar-se no outro, pois por essa concentração e pela renúncia inflexível ao mundo pode-se chegar a uma consagração total ao Uno em que nos concentramos.

A partir daí, não teríamos mais a incumbência de obrigar todas as atividades inferiores ao reconhecimento de uma vida espiritualizada nova e de treiná-las para serem seus agentes.

Seria suficiente destruí-las ou aquietá-las e, no máximo, manter as poucas energias necessárias para a manutenção do corpo e a comunhão com o Divino.

O próprio objetivo e a concepção de um Ioga Integral nos impede de adotar esse processo. O Divino que adoramos não é apenas uma realidade remota extracósmica, mas uma manifestação semivelada, presente e próxima de nós, aqui no universo. A vida é o campo de uma manifestação divina, ainda não completa; é aqui, na vida, na terra, no corpo, que devemos desvelar a Divindade; aqui devemos tornar reais para nossa consciência sua grandeza, sua luz e sua doçura transcendentais; aqui devemos possuí-las e, o tanto que for possível, expressá-las.

Em nosso Ioga, portanto, devemos aceitar a vida a fim de transmutá-la totalmente. Mesmo se o caminho for mais acidentado, o esforço mais complexo e de uma dificuldade desconcertante, haverá, contudo, uma compensação e, a partir de certo ponto, ganharemos uma imensa vantagem. Pois uma vez que nossas mentes estiverem razoavelmente fixas na visão central e nossas vontades convertidas a essa única busca, a Vida se tornará nossa ajuda.

Atentos, vigilantes, integralmente conscientes, poderemos fazer de cada detalhe das formas da vida, de cada incidente de seus movimentos, um alimento para o Fogo do sacrifício dentro de nós. Vitoriosos na luta, poderemos compelir a própria Terra a ser uma ajuda para nossa perfeição.

,